

2

RUY AFONSO DA COSTA NUNES (*)

ALUÍSIO

DE

ALMEIDA ()**

ABSTRACT

In quite informal conversation the author talks about Monsignor Luiz Castanho de Almeida just as he knew him, stressing his qualities of good-natured and magnanimous man, keen-minded historian and pious priest.

The impromptu speech was recorded and the tapescript made by Professor Sonia Chébel Mercado Sparti.

RESUMO

Em tom de conversa desataviada, o Autor discorre sobre Mons. Luiz Castanho de Almeida, tal como o conheceu, salientando as suas qualidades de homem afável e magnânimo, historiador perspicaz e sacerdote piedoso.

A palestra, pronunciada de improviso, foi gravada e transcrita pela Prof^a. Sonia Chébel Mercado Sparti.

- (*) Doutor em Educação (FFCL-USP), Livre-Docente de Filosofia e História da Educação (FFCL-USP), autor de livros e artigos em jornais e revistas, lecionou Psicologia Geral e Filosófica e Filosofia da Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.
- (**) Palestra proferida em 04 de novembro de 1990, por ocasião da abertura da Semana "Aluísio de Almeida", na sede do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba.

Meus prezados confrades e autoridades aqui presentes:

Confesso que fiquei admirado por se lembrarem de mim para proferir esta palestra, pois apesar de ser membro do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, talvez eu seja um de seus membros mais relapsos porque, desde 1954, quando ao lado da Igreja de São Bento, nós nos reunimos para a fundação do Instituto, poucas vezes frequentei as suas reuniões, especialmente porque, durante dezenas de anos, trabalhei fora de Sorocaba, como professor. Mas, apesar disso, eu estava sempre em contato com os acontecimentos deste sodalício, graças ao Boletim Informativo que é fielmente remetido periodicamente. Além disso, ao receber o convite, eu disse ao Prof. Adilson, presidente do nosso Instituto, que não poderia fazer uma palestra acadêmica, como se costuma tecer a respeito de personalidades ilustres, sobre um historiador como Mons. Luiz Castanho de Almeida, mas que eu iria cingir-me a tecer algumas considerações sobre o Mons. Luiz Castanho de Almeida que conheci, e ressaltar alguns aspectos da sua personalidade que guardo como memoráveis, e aspectos que são interessantes para apresentar como exemplares para a geração atual, e para as gerações futuras desta cidade que ele tanto amou, e que ele tanto exaltou na sua obra de historiador.

Lembro-me de que eu vinha visitá-lo aqui, particularmente no fim da década de 60, e durante a década de 70. E ele me recebia sempre muito alegre. Gosto de lembrar o episódio do vermute. Não posso tomar bebidas alcoólicas, pois qualquer gotinha de álcool atrapalha o meu funcionamento orgânico. E nem bem eu adentrava a casa, após as primeiras efusões e cumprimentos, Monsenhor dizia: "Agora eu vou lhe servir um vermute". Não havia o que

dissuadisse de servir aquele vermute! E eu, então, para não lhe causar um dissabor, acabava aceitando, com as conseqüências que sempre vinham, mas que eram um pagamento, digamos assim, da visita que eu fazia ao Monsenhor, quase assiduamente, durante alguns anos. Essas visitas começaram principalmente, quando precisei de uma obra sobre as Leis Portuguesas do século XVIII. Eu estava estudando do ponto de vista educacional, o período das reformas pombalinas em Portugal e no Brasil e precisava ler todas aquelas leis. Então vim conversar com ele, pois tinha a obra em vários tomos adquiridas num sebo do Rio de Janeiro ou de São Paulo, obra que só existe lá pela Universidade de São Paulo ou em algumas outras grandes Universidades. Pois ele a possuía, e me emprestou. Pude ler, anotar à vontade. E a partir daí, eu vinha sempre conversar com ele. Então, em função desse contato, dessas conversas, e dessa amizade que eu nutria para com Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, gostaria de ressaltar três aspectos ou três facetas da personalidade de Monsenhor: como homem, como historiador e como sacerdote.

Como homem, Monsenhor Luiz Castanho de Almeida impressionou-me primeiramente, porque à certa altura da vida ele foi assaltado por uma doença que prostraria qualquer outra pessoa pelo resto da existência. Ele, no entanto, teve a capacidade de reagir contra os malefícios da moléstia realmente perturbadora, neurológica, e é admirável o que ele conseguiu aqui nesta casa, sentado em sua cadeira de embalo; o que ele conseguiu realizar em matéria de leitura e em matéria de escritos. É um exemplo notabilíssimo de força de vontade. O que um homem pode conseguir estando numa situação como aquela em que ele se encontrava? Nós, às vezes, vendemos saúde, temos ótima disposição, e

malbaratamos o nosso tempo, não o aproveitamos para realizar algo de bom, e que realize também a nossa própria pessoa, e contribua para o bem dos outros. Ele, no entanto, arrancou da sua doença, do seu sacrifício, da sua quase inércia, forças suficientes para um grande empreendimento: grandes leituras de História e grandes escritos sobre a História de Sorocaba.

Como homem, além dessa força de vontade, notei alguns outros traços na personalidade de Monsenhor que me cativaram. É claro que nós não podemos conhecer uma pessoa apenas por algumas visitas ocasionais. Toda pessoa não deixa de ser um mistério de personalidade que nunca penetramos plenamente. É preciso um convívio mais assíduo com a pessoa, para nós realmente captarmos o seu modo de ser. Aqui nesta Casa, talvez o Prof. Luizito Marins seja uma das pessoas mais capacitadas para falar do Monsenhor, porque convivia bastante com ele, e deve ter arquivado a lembrança daquelas pequenas coisas, daqueles pequenos traços, que somente esse convívio assíduo revela.

No convívio com Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, eu me deixei cativar, e fiquei impressionado, principalmente, com duas qualidades. A primeira, a sua **afabilidade**. Afabilidade é essa qualidade, digamos assim da boa educação pela qual nós tratamos as pessoas com gentileza, com bondade, com amabilidade. Se as pessoas normais que estão sujeitas às flutuações do temperamento, ao resultado da influência do clima, do calor, às vezes mudam de humor com muita facilidade, quanto mais uma pessoa afetada por uma doença neurológica. Ele podia se deixar levar por isso, e não estar sempre naquele estado de ânimo receptivo e afável para com as pessoas. No entanto, todas as

vezes em que tive a satisfação de visitar Monsenhor, e de conversar com ele, achava-o sempre igual: alegre, bem humorado, conversando com prazer, com alegria, interessado nos assuntos, gentilíssimo! Essa é uma qualidade que está rareando no mundo de hoje, em que a grosseria, por exemplo, abafa as boas maneiras. E há pessoas até, coitadas, que crescendo, ignoram o que seja isso: a civilidade, regras de civilidade. Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, para mim, foi um exemplo de afabilidade, desta boa educação, desta amabilidade, que é uma das formas da bondade e da caridade cristã.

A segunda qualidade humana que me impressionou em Monsenhor (ele tinha outras, mas eu quero ressaltar apenas estas duas) foi a sua magnanimidade. A magnanimidade é uma virtude moral sobre a qual Aristóteles discorreu longamente na sua *Ética a Nicômaco*, e foi uma das virtudes mais apreciadas pelos antigos gregos, da Grécia clássica. Foi também uma virtude que Santo Tomás de Aquino, em seus estudos, aprofundou, de tal modo que existem hoje, trabalhos, escritos, livros sobre essa virtude, que não deixa de ser uma das formas da virtude da fortaleza. Em que consiste a magnanimidade? O termo já o indica: grandeza de alma. Grandeza de alma pela qual uma pessoa, por exemplo, não só sabe tratar bem as outras, mas é capaz de compreensão, é capaz, facilmente, de empatia, e de superar pequenas dificuldades que, às vezes, criam atritos entre os homens. O magnânimo pode ter um desafeto no campo das letras ou no campo das relações humanas. Mas não se deixa levar por isso. Ele domina essa aparente ou real de safeição, e trata a pessoa, sempre que a encontra, muito bem; reconhece-lhe os méritos, as qualidades; é capaz de dispor de seus bens, até para o

desafeto. É uma pessoa capaz de renúncias pessoais. É uma pessoa que gosta de agraciar os outros. É também uma pessoa capaz de distribuir dons, de fazer benefícios. Não por ostentação, mas porque, com isso ela sente que se realiza; ela sente que manifesta a a quele impulso interior que a leva a querer bem, a fazer bem aos outros. Então, uma virtude cujo estudo se pode aprofundar e sobre a qual se poderia dissertar longamente.

A magnanimidade em Monsenhor Luiz Castanho de Almeida se afigurava de maneira especial, pa tente, em se tratando de conversas sobre assuntos históricos. Muitas pessoas sabem, e outras ignoram, que, às vezes, nesses meios de estudos, nos circu los acadêmicos, vige aquilo que se pode chamar de "ciumeira" de ofício. Muitas vezes, as pessoas que fazem pesquisas, estudos, gostam, como dizia o Prof. Eurípedes, que foi Diretor da Faculdade de Filosofia, de São Paulo, de "esconder o leite" porque... o his toriador é um homem que vai às fontes, que pesquisa, é um homem que investiga, e que depois de ma duros estudos, pesquisas, considerações, etc., redige seus trabalhos. E há alguns professores e pesquisadores que não gostam de falar de seus achados: ficam meio silenciosos quando se toca em certos assuntos, para não deixar escapar nada que dê uma pista do rumo que eles andam seguindo em seus estudos; para não revelar as fontes em que se abeberaram. Então, se l he perguntam: "Qual a obra ou quais as obras interessantes?" — eles respondem: "Não me lembro direito agora; verei depois". É o ciúme, o escondimento das fontes que poderiam ser como um benefício distribuí do aos outros.

Monsenhor Luiz Castanho de Almeida ti nh essa qualidade notável de estudioso, e j á

mais silenciava a respeito dos estudos, das fontes em que se abeberava, de modo que ele falava francamente, abria-se, dizia dos livros, das leituras, dos lugares onde pesquisara, onde estudara. E eu, habituado com outros ambientes onde isso não era costumeiro, gostava de ver a maneira como ele se exprimia a respeito das leituras, dos livros, dos autores. De modo que, este aspecto de sua personalidade, eu achava realmente cativante: a grandeza de alma, de ânimo, patenteada neste aspecto da vida do estudioso, que recolhe uma farta messe através de seus estudos, mas não quer guardá-la egoisticamente, nem escondê-la, mas a oferece àquelles que queiram também trabalhar, e que possam aproveitar de tanto saber amealhado, de tanta leitura feita, de tanta experiência adquirida. Assim era o homem Monsenhor Luiz Castanho de Almeida que eu conheci. Estas duas virtudes humanas que particularmente me cativaram, e que vale a pena lembrar: de um lado, a sua afabilidade; e de outro, a sua magnanimidade.

Com isso, suavemente, passamos ao segundo tópico da nossa conversa, pois esta palestra é uma conversa sobre o nosso historiador.

Hoje em dia, todos o sabem, a História é uma ciência complexa, para a qual se exige uma iniciação que requer anos de estudo, de treino. Foi a partir do fim do século passado que a História entrou no rol das ciências humanas, e se constituiu, por obra e trabalho de vários grandes vultos da Inglaterra, da Alemanha, da França, e de vários países da Europa. O trabalho do historiador sempre foi, tem sido, e continua a ser desenvolvido, também, por pessoas que não tiveram essa iniciação estrita, exigente, dos cursos especializados de História. O mais importante para isso é que, realmente, o estudioso seja impulsionado por gosto pes-

soal, por vocação, que, quando se traduzem na inclinação para os estudos históricos, criam na pessoa uma espécie de "faro", de capacidade de percepção, que outros estudiosos comuns para tal "métier" não possuem. O importante para o historiador é que ele realmente se debruce sobre uma área de estudos, por exemplo, as origens do desenvolvimento de uma cidade como Sorocaba, um tópico da História da Arte, da vida do espírito humano através dos tempos, do pensamento, ou dos acontecimentos políticos e sociais, que geralmente atraem a atenção de historiadores, e concentraram, durante muito tempo, a preocupação dos estudiosos do assunto. Durante séculos, digamos assim, a História foi principalmente política e social. E é, digamos, de uns cem ou cento e poucos anos para cá que ela se tornou mais uma História da Cultura, das instituições culturais, da vida, do espírito humano.

O historiador e filósofo inglês Collingwood, que se notabilizou pelos seus trabalhos com inscrições, à cata dos vestígios da ocupação romana da Inglaterra, diz na sua **Autobiografia** — um pequeno livro onde resume as suas experiências de trabalho universitário, de escritor — que, desde moço, detestava os historiadores que ele chamava de "tesoura e cola" (*An Autobiography*. Pelican Books, 1944). Insurgia-se contra eles. Os historiadores da "tesoura e da cola" seriam aqueles que simplesmente leriam os autores anteriores, recortariam as notícias interessantes, e as colariam nas páginas que eles próprios iriam redigir. Collingwood afirma e reafirma: "Isto não é trabalho de História". Para fazer História é preciso entrar no campo. E ele, que era estudioso das inscrições, dá epigrafia, ia a campo, fazer trabalho de arqueólogo. Dizia que o trabalho do historiador é ação. É ação no sentido de buscar as informações e nessas informações discernir o propósito, aquilo que ani-

mou os homens no passado a realizarem tais e tais fatos, ações, a produzirem tais e tais acontecimentos.

No método histórico, sabe-se que o passo inicial é a coleta de dados, é a busca das informações. E essa busca das informações é feita de modo direto, através daquilo que serve de material para o trabalho do historiador. As informações sobre o passado humano, sobre o passado da nossa cidade, elas estão aí presentes nos documentos escritos ou nos vestígios materiais. Uma estátua, uma medalha, uma ponte, um edifício ou os restos desse edifício ou dessa ponte, são vestígios materiais. O documento em que alguém nos informa, por escrito, dos fatos que aconteceram no passado, constitui o fator primordial, mais importante, para o conhecimento da vida, no passado. O estudioso da História, conforme a índole do seu trabalho, pode ir à cata da informação inicial, lá nos manuscritos, tais como eles permanecem, como eles perduraram. Ele vai diretamente à fonte, o que exige conhecimento de paleografia e de outras técnicas de investigação. Ou, de acordo com o objetivo da sua pesquisa, ele pode recorrer às fontes diretas, já impressas, ao alcance de todos através de edições críticas ou mesmo, não críticas. É assim que começa a observação que o historiador faz dos acontecimentos. Ele vai saber o que houve. Vai buscar essa informação ou nos vestígios materiais, ou nos documentos, nos escritos, sejam manuscritos, sejam já obras impressas. O fato é que, só para adquirir essa informação inicial, o historiador precisa de uma leitura enorme. Deve ler muito. E em fazendo essa leitura, tem que passar tudo por um crivo, tem que examinar tudo isso à luz de certos critérios. Depois tem de compor a sua síntese pessoal, com base em toda informação adquirida, em toda a leitura feita.

Temos aqui em nosso meio, pessoas dedicadas a esse gênero de estudos. Temos pessoas que trabalham com esses assuntos históricos, e sabem que é assim mesmo. Monsenhor Luiz Castanho de Almeida contou-me que, quando ainda era um homem de boa saúde, saía de Sorocaba, quando lhe permitiam as suas obrigações de sacerdote, e ia para o Rio de Janeiro e para São Paulo. No Rio de Janeiro ficava hospedado pertinho da Biblioteca Nacional, e aí ele adentrava e ficava horas e horas lendo os manuscritos da época que lhe interessava, tomando notas, pois naquele tempo não havia os meios de reprodução que hoje existem, e que facilitam muito a vida do investigador. E ele fez isso durante muito tempo, no Rio de Janeiro, em São Paulo, onde quer que pudesse obter informações para os trabalhos que tinha em mira. Depois, quando a doença lhe impediu essa movimentação e precisava ficar em casa, entregou-se à leitura da fontes impressas, que são muitíssimas; leituras de arquivos publicadas em texto de revistas, em livros; leituras onde ele bebia as informações necessárias para o seu trabalho de historiador.

Talvez por não ter tido aquela formação do historiador, é que ele estranhava, como contou uma vez, a pergunta crítica que algum historiador, que o visitava, às vezes, lhe fazia: "Por que o senhor não indica as fontes, não aponta qual o autor que consultou?" Ele me confidenciou: "Eu consultei, e expus os frutos da leitura de acordo com o que eu estava pensando, sem necessidade de estar aduzindo autores".

Hoje é praxe consagrada e os acadêmicos, os pesquisadores fazem disso uma questão estrita que, quando se fala de acontecimentos do passado, dos quais nós não temos informações, é preciso indicar onde a obtivemos. Se foi de primeira mão,

indicar então a fonte. Exemplo: manuscrito tal, do arquivo tal ou obra tal, livro tal, capítulo tal, edição tal. Monsenhor, nos últimos livros, cita as fontes, mas, nos primeiros escritos não fazia grande questão, porque o que lhe interessava era expor a matéria. Uma matéria que ele havia assimilado através de longas, freqüentes, profundas leituras; que ele havia assimilado realmente, como nós assimilamos o alimento. E depois, ao redigir, expunha o tema através do seu estilo pessoal, sem jamais cometer aquilo que muitos autores perpetram: o plágio.

O plágio na História é freqüente, às vezes, consciente, às vezes, inconsciente. Consciente quando a pessoa, por exemplo, copia uma página do autor, transcreve-a no seu escrito, mas não abre e nem fecha aspas, de modo que tal página passa como se fosse própria, quando não o é. Outras vezes, o fato acontece inconscientemente. Na Idade Média isso era muito comum: um autor plagiar outro sem indicar a fonte. Eu mesmo verifiquei isso num caso interessante do famoso Menéndez y Pelayo, escritor espanhol. Certa vez, quando eu lia a **História de los Heterodoxos**, deparei com um longo texto, que achei muito interessante, a respeito da atividade doutrinária de um Bispo, no começo do século XII. Ora, por coincidência, na mesma época, eu estava lendo volumes da Patrologia Latina, referentes ao século XII, e caiu-me sob os olhos o texto latino do século XII a que se referia Menéndez y Pelayo. Verifiquei, então, que Menéndez y Pelayo traduziu esse texto inteirinho, sem abrir, nem fechar aspas. Quem lesse o texto de Menéndez y Pelayo achava que o escrito era dele. Na realidade, porém, pertencia a um autor do século XII. Assim, há casos em que pode haver um plágio inconsciente. Imagino eu, inconsciente. Para evitar isso, o que é preciso?

Quando uma pessoa lê obras, fontes históricas, e adquire informações, ela grava o fundamental, ou anota os dados principais e, depois, de acordo com o esquema que tem em mente para seus próprios trabalhos, passa a elaborar o material. É como se uma pessoa tivesse lido um livro de história, e depois se dirigisse a uma outra e dissesse: "Agora vou lhe contar uma história". E com as próprias palavras vai narrando-a. Quer dizer, ela não está repetindo textualmente as palavras do livro. Mas está contando, tão fiel quanto possível, aquilo que compreendeu.

Chega, então, o momento do trabalho em que o historiador remexe, ferve, referve tudo aquilo que leu, e tudo aquilo que sua mente lhe inspirou, enfim, a fermentação do que foi lido pelas idéias criadoras. O historiador cria o seu roteiro. A imaginação criadora lhe sugere certas idéias: "Vou tratar desse assunto sob este ângulo; vou examinar este ponto a partir deste critério; a novidade do meu trabalho vai residir nisto". E com os elementos de que dispõe, ele vai fazer a sua composição pessoal, criativa, e não repetitiva. Ora, foi isso que Monsenhor Luiz Castanho de Almeida fez amplamente nos seus livros. Ele foi um pesquisador autêntico, um homem de imensa leitura. Quantas vezes adentrava eu esta casa, e ele estava lendo uma revista do Museu do Arquivo Paulista. Achejava-se às fontes, lendo, relendo textos, o passo primeiro da pesquisa. Depois, durante tempos, durante horas, ficava a remoer mentalmente o que lera. E aí começava a atacar os pontos que ele queria, por sua vez, examinar, desenvolver no próprio trabalho. Depois dessa longa ruminação, dessa meditação, dessas reflexões, aí chegava o período da redação pessoal. Assim, Monsenhor Luiz Castanho de Almeida foi um historiador autêntico, um homem que trabalhou de acordo com os meios de que dispôs na sua época,

da melhor maneira possível. E realizou um trabalho admirável. Além disso, ele tinha qualidades didáticas. Digo isso, especialmente depois de ter relido a **História de Sorocaba para Crianças**. Quem lê esse livro, observa como ele sabia ensinar, como ele conta às crianças os fatos fundamentais da história de Sorocaba, de modo sintético, mas completo, sem deixar no escuro nada de importante. Não é fácil escrever um livro para crianças! Pode ser até fácil, para algumas pessoas, escrever livros para grandes pensadores, para grandes estudiosos. Mas fazer-se entender pelos pequenos, saber escrever numa linguagem que a criança realmente entenda, é difícil. Por isso os grandes escritores para crianças não são frequentes. Os bons escritores. E esta **História de Sorocaba para Crianças** é um modelo, é um exemplo de trabalho didático sério, em que um menino, uma menina, uma criança, pode aprender os dados fundamentais sobre a sua cidade natal e imbuir-se de amor por ela. Monsenhor Castanho termina o livro com um hino, uma poesia em que manifesta o seu grande amor pela cidade que o levou a trabalhar, a pesquisar, para que a História, a lembrança dos acontecimentos, da formação de Sorocaba, viessem à luz, e os feitos de seus grandes homens fossem lembrados e cultuados. É notável esse amor à pátria. E Pátria, no sentido bem estrito: terra dos pais. Esse amor à Pátria que se manifesta na obra do historiador Monsenhor Luiz Castanho de Almeida.

O seu pseudônimo é interessante porque é o seu próprio nome. Geralmente muitos autores escolhem um pseudônimo diferente do nome. Por exemplo: Tristão de Athayde (Alceu de Amoroso Lima). Ele, não. Luiz Castanho de Almeida, Aluisio de Almeida. Aloysius, em latim, é o vocábulo de que se origina o nome em português. Pseudônimo que eu me habituei a reverenciar desde quando lia os seus ar

tigos na **Revista Vozes**, de Petrópolis, no começo da década de quarenta, quando eu ainda era estudante. Eu compulsava a **Revista Vozes**, e estando fora de Sorocaba, sempre lia: Aluisio de Almeida-Sorocaba. Eu, que por causa da guerra tive que ficar vários anos afastado daqui, lá no Pará, não via a hora de retornar, porque nasci aqui em Sorocaba, à rua Mascarenhas Camelo. Então, quando lia os artigos de Monsenhor Luiz Castanho de Almeida-Sorocaba - eu ficava satisfeito, lá longe, por saber do historiador de Sorocaba. Depois, vim pra zerosamente a conhecê-lo.

Aí está, pois, mais um traço que pode u nir-se àqueles que eu já ressalttei em sua personalidade: de homem afável, de homem magnânimo; o historiador sério, arguto e, realmente, movido por um afeto profundo, por um amor imenso por esta cidade. Hoje, tantas crianças, tantos adolescentes crescem, parece que desprovidos de amor, não só pela sua Pátria, mas para com sua própria cidade. Parece que não estimam, não apreciam o berço natal. Muitos parecem acometidos até de um ímpeto de nomadismo que os leva a vagar por outras partes. Não sabem dar apreço, ou não têm memória do ambiente em que nasceram. Ora, Monsenhor Luiz Castanho fazia questão de incutir nos outros esse amor a Sorocaba que ele trazia nas profundezas da sua personalidade, do seu coração.

Por último, para encerrar esta pequena conversa, só uma palavrinha sobre o sacerdote Monsenhor Luiz Castanho de Almeida. Quando eu vinha conversar com ele, a Igreja estava atravessando momentos, digamos, quase de convulsão, os momentos do Concílio Vaticano II. E eu gostava de achá-lo sempre inalterado, sossegado. Pelo menos, assim ele sempre me pareceu. Fiel às suas práticas religiosas. Não podia mais paroquiar, não podia

mais exercer o zelo do seu ministério por causa da doença, que eu até ousaria chamar de providencial, já que lhe permitiu consagrar-se mais profundamente aos estudos. Isso para ele, quem sabe, foi até uma graça de Deus! Conheci um outro sacerdote de Sorocaba, pároco da Catedral, Monsenhor Cangro, que me dizia várias vezes, quando o visitava em sua biblioteca: "Gosto de estudar, gosto de pesquisar, de fazer leituras, mas o meu ministério não me permite. Sou solicitado a fazer tantas coisas fora e não consigo estudar". Ele colecionava livros excelentes; lia, também, bastante, mas não podia fazer trabalho de estudioso, porque a vida ativa solicita a pessoa a empenhar-se nas atividades externas, não deixando lazer para as delícias da contemplação, da vida de estudos. Por outro lado, a pessoa que se dedica a esta vida contemplativa, de pesquisas, de estudos, também não dispõe de muito tempo para as solicitações externas. Trata-se de uma questão de opção pessoal. Monsenhor Luiz Castanho de Almeida era um sacerdote, tinha obrigações de sacerdote, de ministério. Ele procurou, de início, conciliar tanto quanto pôde, o seu trabalho de estudioso com o de sacerdote ativo, apostólico, mas quando a doença o prostrou, ele teve de se consagrar inteiramente ao estudo e à leitura. Era o homem da Santa Missa diária, que gostava de mostrar o altar onde celebrava. Era o homem da oração constante, que fazia da oração, não um momento excepcional da existência, mas o clima diário de sua vida. Era um homem ilustrado, um homem lúcido que, como sacerdote, vivia plenamente a sua fé, pois a vida cristã se alimenta de fé na pessoa divina de Jesus Cristo. Isto vale para qualquer cristão, seja leigo, seja sacerdote, seja religioso. Monsenhor Luiz Castanho de Almeida era um homem de fé profunda, de espiritualidade densa. Fazia suas leituras espirituais, alimentava-se da oração no decorso do dia, celebrava piedosamente a Missa, ti-

nha sempre uma boa palavra para quem o procurasse.

Como sacerdote, nessa situação de isolamento pela doença, fez e fazia tanto quanto lhe era possível, de modo que na sua personalidade, casavam-se esses aspectos exemplares de vida humana, e que podem ser apontados aos jovens, às pessoas mais idosas de hoje, como verdadeiros exemplos, modelos de boa existência humana, modelos de boa existência cristã: o afável, magnânimo, estudioso, arguto e piedoso Monsenhor Luiz Castanho de Almeida.

Agradeço a bondade e a paciência com que ouviram esta conversa que eu não queria estender e que procurei reduzir ao mínimo, no esforço de ressaltar esta personalidade cativante que merece ser lembrada num dia, numa semana porque, realmente, depois de morto é que ele foi posto à luz para que outros vissem bem claramente as belezas de nossa história, e por ele fossem, também, esclarecidos e iluminados. Muito obrigado.

Prof. Adilson Cezar: Neste momento desejo cumprimentá-lo pela ilustre palestra e apenas poderia complementar, afirmando que estamos diante de outra personalidade cativante.